

## **A Produção de Verdades na Sociedade Disciplinar e o Bullying na Escola: reflexões à luz do pensamento de Michel Foucault**

*Priscila Aparecida Silva Cruz  
Silvane Aparecida de Freitas  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul*

### **Resumo**

A pesquisa bibliográfica ora apresentada visa apresentar as análises de Foucault e de seus estudiosos, referentes à constituição de verdades na sociedade disciplinar, principalmente na escola, a fim de favorecer o entendimento da institucionalização de verdades e normalidades na instituição escolar, verificando como ela verifica e exclui o não verdadeiro e o anormal, sendo assim um fator gerador do *bullying* entre os escolares, o qual consiste em práticas frequentes de agressividade entre escolares, expresso por meio de perseguições, humilhações e intimidações, contra aquele que não se encaixa nos padrões de normalidade conferido. As reflexões sobre os resultados desta pesquisa visam a melhor compreensão dos mecanismos de produção de verdades na sociedade disciplinar e como essa pode ser um fato gerador de exclusão e do *bullying*.

**Palavras-chave:** *Bullying*. Escola. Padrões de Normalidades.

### **Truths in the Production of Society and Bullying in School Discipline: reflections in the light of the thought of Michel Foucault**

#### **Abstract**

The literature review presented here aims to present the analysis of Foucault and his scholars, concerning the establishment of truth in the disciplinary society, especially at school, in order to promote the understanding of truth and institutionalization of normality in the school and seeing how it checks excludes not true and the abnormal, thus generating a factor of bullying among students, which consists of common practices of aggression among school children, expressed through harassment, humiliation and intimidation against anyone who does not fit the normal range given. Reflections on the results of this research aimed at better understanding the mechanisms of production of truths in the disciplinary society and how this can be a triggering event of exclusion and bullying.

**Keywords:** Bullying. School. Standards of normality.

## Introdução

Esta pesquisa de cunho bibliográfica foi baseada à luz das teorias foucaultianas e objetiva entender como o poder disciplinar e a institucionalização de verdades absolutas na instituição escolar podem ser um fator gerador de violência entre os estudantes e, conseqüentemente, provocador do *bullying*. Nessa perspectiva, entendemos que as práticas discursivas tornam-se espaços de construção de verdades que estabelecem no sujeito a maneira de ser e de agir. As práticas discursivas fruto das relações de poder, estabelecem comportamentos tidos como normais e excluem ou punem os que não atendem ao modo de ser por ele instituído.

A afirmação de identidade, a exclusão ou punição do diferente gerado por essa imposição da verdade é um importante fato gerador do *bullying*, o qual consiste em práticas frequentes de agressividade entre escolares, expresso por meio de perseguições, humilhações e intimidações, contra aquele que não se encaixa nos padrões de normalidade conferido.

Sendo assim, pode-se dizer que as instituições escolares, ao afirmar e impor os discursos e estabelecer como o indivíduo deve ser, exclui qualquer possibilidade “do diferente”, o que pode estar atuando e legitimando as práticas de *bullying*. Partindo dessa hipótese, nesta pesquisa, visamos refletir sobre a produção dos discursos verdadeiros e relações de poder na escola, como essas “práticas discursivas” podem estar gerando e/ou legitimando o *bullying*.

### 1. A Sociedade Disciplinar e o Poder Disciplinar

O poder disciplinar é um mecanismo utilizado para garantir o controle de todos os indivíduos que compõem determinada sociedade. As instituições adotam os mecanismos disciplinares para garantir a vigilância, o controle, a maior produtividade e desempenho de seus integrantes.

Michel Foucault observou e teorizou esse mecanismo, denominando-o de poder disciplinar, presentes nas sociedades disciplinares, as quais situaram entre os séculos XVIII e XIX, atingindo seu ápice no começo do século XX, momento em que

os sujeitos (soldados, alunos, trabalhadores) eram disciplinarizados com o intuito de que se tornassem dóceis e produtivos.

A sociedade disciplinar surge em meados do século XVIII,

[...] caracterizando-se, principalmente, como um modo de organizar o espaço, de controlar o tempo, de vigiar e registrar continuamente o indivíduo e sua conduta, a sociedade disciplinar deu lugar ao nascimento de determinados saberes (os das chamadas ciências humanas), onde o modelo prioritário de estabelecimento da verdade é o "exame"; pelo "exame", instaura-se, igualmente, um modo de poder onde a sujeição não se faz apenas na forma negativa da repressão, mas sobretudo, ao modo mais sutil do adestramento, da produção positiva de comportamentos que definem o "indivíduo" ou o que "deve" dele ser segundo o padrão da "normalidade". (MUCHAIL, 2004, p.61).

Sabe-se que essa técnica de exercício de poder não foi inventada inteiramente no século XVIII, mas seus princípios fundamentais foram elaborados durante esse século. Na Idade Média e na Antiguidade, a técnica disciplinar já existia, contudo como técnicas isoladas e fragmentadas. Nos séculos XVII e XVIII, a técnica disciplinar passou a ser sistematizada e a ocupar a função específica de gerir homens, dessa forma, as disciplinas tornaram métodos específicos de dominação.

De início, cabia a disciplina a função de definir populações, combater possíveis desordens e resistências, dessa forma, o indivíduo estaria sempre se tornando mais útil. Em diversas instituições, a disciplina, além de “moldar” pessoas, ainda ocupava outras funções, como no caso das escolas, nesse local, as disciplinas não tinham como finalidade simplesmente formar crianças obedientes e capazes de tornar trabalhadores eficientes no futuro, mas também fiscalizar e vigiar os pais, informando sobre seus modos de vida, recursos e hábitos.

O uso de técnicas disciplinares visa sempre moralizar mais condutas, determinando comportamentos, manipulando e exercitando os corpos para se transformarem, incessantemente, em corpos dóceis e úteis.

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de ‘disciplinas’. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. (FOUCAULT, 2008, p.118).

A disciplina delibera o normal, por meio da elaboração da norma, que atua nas instituições da sociedade moderna como de demarcação do que é aceitável, exigível e normal para os interesses das instituições modernas.

## 2. A Produção de Verdades na Sociedade Disciplinar

Foucault não descobriu uma nova instância, chamada “prática”, que era, até então, desconhecida: ele se esforça para ver a prática tal qual é realmente; não fala de coisa diferente da qual fala todo historiador, a saber, do que fazem as pessoas: simplesmente Foucault tenta falar sobre isso de uma maneira exata, descrever seus contornos pontiagudos, em vez de usar termos vagos e nobres. (VEYNE, 1982, p.159)

Michel Foucault (1999) usando o que denomina de genealogia do poder, analisa a forma de produção de conhecimento na sociedade moderna, relatando e evidenciando que esse não é metafísico ou transcendental, mas histórico.

O conhecimento, no fundo, não faz parte da natureza humana. É a luta, o combate, o resultado do combate e conseqüentemente o risco e o acaso que vão dar lugar ao conhecimento. O conhecimento não é instintivo, é contra-instintivo, assim como ele não é natural, é contra-natural.” (FOUCAULT, 1999, p.17)

Usando da genealogia, Foucault não se preocupa em analisar o saber propriamente dito, mas as condições estratégicas de possibilidades para a formação desses, assim, conhecimento e verdade são analisadas pelos espelhos das relações de lutas, comportamentos e estratégias de poder.

Rigorosamente, não é da verdade que tratam os grandes livros de Foucault, mas de verdades a cada vez produzidas em consonância com as condições de possibilidades de diferentes momentos históricos, isto é, ajustadas à *epistémé* ou ao dispositivo estratégico de cada época. É nesse sentido que o verdadeiro (no plano do conhecimento) se avizinha do estabelecido e do normal, assim como do permitido e do prescrito (no plano ético). E é no âmbito dessa vizinhança que a verdade se atrela ao poder e a liberdade praticamente se restringe ao exercício de crítica ao instituído. (MUCHAIL, 2011, p.10)

A verdade não deveria desse modo, ser vista apenas como algo que sempre foi correto ou confirmado, mas seriam necessários que se verificassem os meios pelos quais os discursos de verdade são produzidos no seio social, ou seja, os meios empregados taticamente para que os discursos sejam legitimados por verdadeiros. Foucault assim o fez, sendo assim, o objetivo da sua análise não seria simplesmente a linguagem falada

pelos sujeitos, mas o sentido da palavra, as condições históricas para a sua possibilidade,

[...] não é, portanto, a linguagem (falada, no entanto, só pelos homens), mas esse ser que, no interior da linguagem pela qual está cercada, possui ao falar os sentidos das palavras ou das proposições que enuncia e obtém finalmente a representação da própria linguagem. (FOUCAULT, 2002b, p.459)

Foucault, assim, estaria interessado em investigar a constituição histórica das ciências humanas na modernidade, já que nesse período conhecido, Foucault sugere que houve uma mudança considerável na ordem do saber, ocasionado numa “redistribuição geral da *epistémê*” (FOUCAULT, 2002b, p. 477), resultando assim na formação das ciências humanas, tendo o homem como objeto empírico do conhecimento.

Nesse sentido, FOUCAULT (2002b, p.476) anota que as ciências humanas [...] não aparecem quando sob o efeito de algum racionalismo premente, de algum problema científico não resolvido, de algum interesse prático, decidiu-se fazer passar o homem [...] para o campo dos objetos científicos [...], elas aparecem no dia em que o homem se constituiu na cultura ocidental, ao mesmo tempo como o que é necessário pensar e que se deve saber.

Seu estudo estaria assim pautado na representação de saberes formados através das relações sociais, através do poder, que não existe por si só, que não é algo que alguns são dotados, mas que só existe em relações com o outro, em relações de poder. Dessa forma, a verdade não seria produzida fora do poder ou sem ele, mas como efeito prático desse. Cada sociedade possui os discursos que aceitara e tomará como verdadeiro, ou seja, cada sociedade possui o seu respectivo regime de verdade.

Nos séculos XIX e XX, tais regimes de verdades foram determinados pela ciência, devido à superioridade do positivismo. A ciência passa a determinar e distinguir o que seria verdadeiro. A ciência, para Foucault (1985), não estabelece semelhanças entre os saberes, mas sim, qualificam-se os verdadeiros, neutros e científicos, excluindo os demais, produzindo assim, verdades dotadas de poder. A ciência, por sua vez, passa a determinar como todos devem “[...] ver, tocar, sentir, falar, ouvir, escrever, ler, pensar e viver” (CHAUÍ, 1982, p.59), suscitando um poderoso elemento de dominação.

### 3. A Produção de Verdades e o *Bullying* na Escola

As sociedades modernas não são somente sociedades de disciplinarização, mas de normalização e nessas, os discursos e práticas disciplinares estabelecem saberes e regras de verdade e de normalidade, já que o normal é aquilo que se é verdadeiro, aceito e legitimado pela sociedade, sendo reforçada por um suporte institucional que é reconduzido e atribuído por uma série de práticas.

Na instituição escolar, enquanto instituição de disciplinarização e normalização, as práticas de produção do verdadeiro e normalização são apoiadas em suportes institucionais- por exemplo, pelos regimentos internos- que determinam como o pertencente a essa instituição deve agir, pensar, falar e se constituir enquanto sujeito.

Para Foucault, as práticas discursivas e de produção de verdades possuem uma história que os precedem, sendo que a escola, enquanto local de formação de sujeitos, é marcada por práticas e lutas e conflitos. A construção de identidades na escola ocorre de modo coletivo e individual, sendo que as experiências são repartidas pelos discursos historicamente constituídos.

Sendo fruto de construções históricas, as identidades estão em contínuo processo de constituição, dessa forma, os significados e as afirmações são constantemente reformulados e desconstruídos pelas práticas discursivas, sendo que

[...] uma prática discursiva não é um ato de fala, não é uma ação concreta e individual de pronunciar discursos, mas é todo conjunto de enunciados que ‘formam o substrato inteligível para as ações, graças ao seu caráter de judicativo e ‘veridicativo’’. Isso equivale dizer que as práticas discursivas moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele. (VEIGA-NETO, 2007, p.93)

A escola, para Foucault, foi uma instituição disciplinar criada com o intuito de moldar os sujeitos, a fim de adequá-lo à vida em sociedade, sendo uma das principais produtoras do sujeito moderno e ao legitimar e produzir discursos, está também moldando comportamentos e estabelecendo padrões de normalidades. Foucault se preocupou em deixar claro que o sujeito não produz saber, mas é produto desses, não só do saber, mas também do poder. Partindo dessa ideia, Foucault (2006) aponta que não cabe apenas analisar os discursos produzidos na e pela escola individualmente, mas

avaliar os discursos dentro dos seus sistemas de relações materiais, dentro dos lugares onde são constituídos.

Para Michel Foucault,

[...]fazer parecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar reconhecê-lo em um isolamento que nada poderia superar, não é fechá-lo em si mesmo, é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações. (FOUCAULT, 2002a, p.33)

Os discursos e as práticas institucionais produzem saberes tidos como verdadeiros e padrões de normalidades, essas verdades e padrões são instáveis e “apóia-se em outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas [...]”. (FOUCAULT, 2006, p.17).

Essas práticas discursivas que constroem o sujeito têm para Foucault (2006) um passado que o organiza (*o a priori histórico*) e uma voz que o precede. Na escola, é possível perceber como as práticas discursivas tornam-se espaços de construção de verdades que estabelecem no sujeito a maneira de ser e de agir.

A pedagogia da escola atual cria a possibilidade de esquadrihar comportamentos e estabelecer sobre eles uma rígida vigilância. As regras disciplinares visam ao controle do espaço, tempo e corpo, assim, cria indivíduos submissos, peças fundamentais para a manutenção do sistema social assim como está, pois, como Foucault mesmo comenta, esse tipo de poder é uma das grandes invenções da burguesia e foi instrumento fundamental para o capitalismo industrial e do formato de sociedade que lhe é correspondente. (CRUZ & FREITAS, 2011, p.47).

Veiga-Neto (2007) relata que, desde o nascimento, o sujeito já encontra um mundo pronto, um mundo de linguagem formado, em que os discursos já estão prontos, aceitos e circulando há algum tempo; isso determina que os sujeitos sejam constituídos a partir desses sistemas de relações.

A verdade é produzida em diálogo com o mundo, é resultado das proibições e repressões, é produzida no discurso e nas instituições, movida pela necessidade que o poder político impõe. É objeto difundido e consumido de várias maneiras, e circula em aparelhos de formação e informação. Enfim, a verdade é sempre objeto de debate político e confronto social. Por tudo isso, nas relações entre os alunos, as falas vão construindo discursos com *status* de verdade. (FERRARI, 2011, p.29).

A escola, então, torna-se meio de socialização de experiências compartilhadas pelas “verdades do discurso”. As práticas discursivas fruto das relações de poder, estabelecem comportamentos tidos como normais e excluem ou punem os que não atendem ao modo de ser por ele instituído.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos” [...] Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder [...]. (SILVA, *apud* FERRARI, 2011, p.24)

A afirmação de identidade, a exclusão ou punição do diferente (o quieto, o feio, o gordo, o “gago”, todos aqueles que não seguem o padrão social imposto) gerado por essa imposição da verdade, do correto (o bonito, o magro, o extrovertido), é um fato gerador do *bullying*. O *bullying* consiste em práticas frequentes de agressividade entre escolares, expresso por meio de perseguições, humilhações e intimidações, contra aquele que não se encaixa nos padrões de normalidade (ou simplesmente beleza) conferido.

Rafael Rodrigues Vieira define o *bullying*,

[...] a partir de certos comportamentos que tipificam as próprias ações que configuram o fenômeno, tais como colocar apelidos, ofender, zoar, [...] excluir, isolar, ignorar, intimidar, assediar, aterrorizar, amedrontar, perseguir [...]. Em todos os casos, referem-se a ocorrência de atos repetitivos e duradouros de natureza humilhante e vexatória, caracterizadas por relações desumanas e autoritárias, onde a vítima é hostilizada e ridicularizada diante dos colegas, isolada do grupo e exposta a efeitos perniciosos. Pode ser cometida por um indivíduo ou por um grupo, sendo que a vítima, sistematicamente marcada para sofrer, costuma ser alvo constante desses comportamentos. (VIEIRA, 2009, p.35)

Partindo dessa definição de *bullying* e das reflexões sobre a produção de discursos verdadeiros que legitimam as práticas e da formação do indivíduo moderno por meio dessas verdades (padronizando o correto, o aceitável, o normal), pode-se dizer que as instituições, ao afirmar e impor os discursos e estabelecer como o indivíduo deve ser (inteligente, bonito, rico, alto, branco, comunicativo, entre outros padrões

estabelecidos), excluindo qualquer possibilidade “do diferente”, legitima as práticas de *bullying* na escola.

### Considerações finais

Diante do exposto, devemos buscar refletir sobre onde, como e quem está produzindo e corroborando com os discursos verdadeiros e como a escola contribui para a manutenção de estereótipos que “geram” o *bullying* escolar.

[...] seria interessante buscar a reflexão sobre os lugares e os sistemas de produção organizados para essa finalidade, pensando-os, exatamente, não como lugares em que os sujeitos produzem discursos e saberes, mas, sim, como lugares em que revelam esses discursos e os saberes que os produziram. (FERRARI, 2011, p.29).

Como alerta Foucault (2006), a análise dos discursos verdadeiros não podem se dar de forma isolada ao sistema de relações materiais que as constituem. Quando pensamos no problema do *bullying* na escola, devemos não pensar de modo isolado, como se fosse algo comum, já que está apoiado e legitimado por condutas sociais, em padrões de normalidades e verdades, sendo assim, não basta combatê-lo, mas mudar a noção do correto, normal e verdadeiro, entendendo-o como construção histórica.

O indivíduo precisa ser educado para entender e conviver com o outro, com a diferença, pois a luta contra o poder disciplinar que molda indivíduos e não lida com a diferença deve começar hoje, já que “não há relação de poder sem resistência [...] toda relação de poder implica, portanto, ao menos de forma virtual, uma estratégia de luta.” (FOUCAULT, 2011, p.15). Desse modo, a sociedade e a escola poderá, finalmente, trabalhar as diferenças, combatendo as verdades e os padrões de normalidades que possam causar o *bullying*, sendo mais condizente com a sociedade, marcada por inúmeras diferenças e que precisa conviver com essas.

### Referências

CHAUI, Marilena. **O Que é Ser Educador Hoje? Da Arte à Ciência**: a morte do educador. In: BRANDÃO, C. R. Educador Vida e Morte. 1ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

CRUZ, Priscila Aparecida Silva; FREITAS, Silvane Aparecida de. **Disciplina, controle social e educação escolar**: um breve estudo à luz do pensamento Michel Foucault.

Revista LEVS, São Paulo, n.7, 2011. Disponível em: <[http://www.levs.marilia.unesp.br/revistalevs/edicao7/Autores/priscila\\_cruz.htm](http://www.levs.marilia.unesp.br/revistalevs/edicao7/Autores/priscila_cruz.htm)> Acesso em: 6 de julho de 2011.

FERRARI, Anderson. **Eles me chamam de feia, macaca, chata e gorda: Eu fico muito triste: Classe, raça e gênero em narrativas de violência na escola.** Disponível em: <<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/revistainstrumento/article/view/468>> Acesso em 24 de abril de 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 5ª edição. Ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **A Verdade e as Formas Jurídicas.** Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do saber.** 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002a.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** São Paulo: Martins Fontes, 2002b.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso: Aula inaugural do Collège De France, promulgada em 12 de Dezembro de 1970.** 14ª edição. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder.** 5ª edição. Ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **Dois ensaios sobre o sujeito e o poder.** Tradução parcial do texto “Deux essais sur Le sujet et Le Louvoir”, In: Hubert Freyfus e Paul Rabinow. Michel Foucault. Um parcours philosophique. Paris, 1984, pp.297-321. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/sujeitopoder.pdf>> Acesso em 1 de março de 2011.

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, simplesmente.** São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Préfacio.** In: KRAEMER, C. Ética e Liberdade em Michel Foucault: Uma leitura de Kant. 1ºed. São Paulo: Educ, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História.** Brasília, Cadernos da UNB, 1982.

VIEIRA, Rafael Rodrigues. 2009. **Bullying: Um Estudo de Caso em Escola Particular.** 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Brasília, Brasília, 176 p.